

Viagens e permanências do feminismo

Maise Caroline Zucco, UFSC
maisecz@gmail.com

Entre os anos de 1964 e 1988 os países do Cone Sul vivenciaram períodos de ditadura militar marcados pela censura, pela impossibilidade de manifestarem-se publicamente, ameaçados pela tortura, tendo em vista as especificidades de cada país (Brasil 1964-1985; Argentina 1966-1973, 1976-1983; Uruguai 1973-1985). Em meio a esse contexto, em 1975 a Organização das Nações Unidas realizou na Cidade do México a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher e declarou, entre os anos 1976 e 1985, a Década da Mulher.

Esse evento fez com que os temas em torno das especificidades das mulheres ganhassem visibilidade em todo o mundo e estas passassem a se organizar em grupos. Frente ao contexto, o feminismo latino-americano de Segunda Onda foi marcado pelo engajamento em uma “luta geral”, contra os modelos de “capitalismo selvagem”, associada aos partidos políticos de esquerda - clandestinos ou não -, buscando a participação das mulheres de classes trabalhadoras e pobres na luta pela sobrevivência¹.

Na Argentina as primeiras organizações feministas formadas foram os grupos de reflexão sobre o tema da mulher que discutiam textos teóricos vindos da Europa e dos Estados Unidos. Na década de 1970 surge o Movimento de Libertação das Mulheres, a União Feminista Argentina, o grupo Nova Mulher, o Centro de Estudos Sociais da Mulher Argentina, alguns destes ligados à esquerda política que se encontrava na clandestinidade. Outra característica do movimento de mulheres na Argentina é a luta pelos direitos humanos, encabeçada pelas Mães da Praça de Maio.²

Quanto ao movimento feminista brasileiro podemos destacar semelhanças em relação à Argentina. As primeiras formações no Brasil foram os grupos de consciência e, assim como na Argentina, as comemorações do Ano Internacional da Mulher resultaram em manifestações públicas. Além disso, o Movimento Feminino pela Anistia, assim como as Mães da Praça de Maio, caracterizado como um movimento feminino lutava pela recuperação de parentes presos e muitas vezes torturados pelo regime militar.³

No Uruguai a experiência feminista está diretamente ligada à ditadura militar. Salvo pelas conquistas da Primeira Onda Feminista, os feminismos no país passaram a se organizar a partir da luta contra o regime ditatorial, de características patriarcais. Assim, o engajamento na luta em prol

¹ ALVAREZ, Sonia E. *Op. Cit.* p. 386-387.

² Cf. MORANT, Isabel (Dir.). *Historia de las Mujeres em Espana y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI*. Madri: Cátedra, 1994.

³ Cf. TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

das mulheres em um primeiro momento esteve ligada à participação política que resultou, posteriormente, na organização em diferentes grupos feministas variando segundo a sua forma de atuação.⁴

É em meio a esse momento histórico, de instauração das ditaduras militares no Brasil, na Argentina e no Uruguai que resultou em um feminismo ligado às questões políticas de esquerda e ocasionou na circulação de pessoas por países do Cone Sul, que essa pesquisa – que encontra-se em fase de desenvolvimento - tem como proposta perceber o trânsito de idéias através de um contexto latino-americano da produção e migração do conhecimento. Nesse sentido, o recorte temporal desse trabalho pretende abranger desde a década de 1970, período em que o feminismo e as questões relativas às mulheres ganham visibilidade com o Ano Internacional da Mulher, até a década de 1990, onde o movimento atenua as fronteiras entre ser “feminista” e “não-feminista”, criando múltiplos espaços de atuação em uma pluralidade de identidades (ecofeministas, feministas lésbicas, feminista radicais, etc.).⁵

Investigando as migrações de idéias, e os elementos que deram suporte a esse trânsito, busco perceber as relações de poder que viabilizam e inviabilizam a circulação de idéias por alguns países do Cone Sul, destacando as formas de estabelecimento das fronteiras que transitaram entre um contexto histórico de governo ditatorial e democrático.

A partir de minha dissertação de mestrado intitulada “Mulheres e Feminismos: as relações de Florianópolis no âmbito nacional” pude perceber as relações que se estabeleceram em duas gerações da produção do saber sobre estudos das mulheres, feminismo e gênero no Brasil. Entre os anos de 1960 e 1980 – período caracterizado pela bibliografia como Segunda Onda Feminista – os grupos de mulheres e feministas ganharam força com a institucionalização do Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas. Em meio a esse evento histórico, havia uma rede de relações que orientou a formação de grupos de mulheres e feministas na capital catarinense. São Paulo e Rio de Janeiro, grandes centros urbanos brasileiros na época, foram referência na formação da Associação Profissional de Empregadas Domésticas de Santa Catarina e do Movimento Feminino pela Anistia, ambos sediados em Florianópolis. O Coletivo de Mulheres Amálgama e o Grupo Feminista Vivências – consideradas as únicas formações feministas durante a Segunda Onda da capital catarinense - mantiveram estreito contato com os grupos dessas duas capitais brasileiras, chegando a distribuir o jornal feminista Mulherio na cidade de Florianópolis.

⁴ Cf. MORANT, Isabel (Dir.). Historia de las Mujeres em España y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI. Madri: Cátedra, 1994.

⁵ Cf. ALVAREZ, Sonia E. A “globalização dos feminismos latino-americanos: tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: ALVAREZ, S. DAGNINO, E. ESCOBAR, A. Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: Novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Entretanto, minha pesquisa enveredou para um outro rumo ao perceber que no campo da produção de conhecimento essas relações dos movimentos sociais que se mantiveram durante as décadas de 70 e 80, durante a década de 90 haviam se reconfigurado a partir da visibilidade de grupos de pesquisa de outras localidades brasileiras.

As primeiras dissertações realizadas em Florianópolis, com a formação dos primeiros programas de Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, já possuíam como temáticas questões relativas às mulheres e ao movimento feminista e grande parte dessa produção possuía como base bibliográfica obras internacionais e de duas grandes capitais brasileiras: São Paulo e Rio de Janeiro. Dessa forma, foi possível perceber que durante as décadas de 70 e 80 houve a formação de centros de referência na produção bibliográfica sobre as questões da mulher e estudos de gênero hierarquicamente ocupados por grandes metrópoles brasileiras. Esse fator permitiu a criação de um eixo Norte/Sul na produção do conhecimento tendo como dimensões territoriais o Brasil.

Com uma produção florianopolitana numericamente mais escassa⁶, foi possível concluir que grande parte da bibliografia acessível na capital catarinense – textos sobre a situação social das mulheres, sobre estudos de caso ou sobre os movimentos feministas – lançados durante as décadas de 70 e 80, foram publicações vindas de grandes capitais.

Assim, foram encontradas como produções locais na Biblioteca Universitária nove dissertações nas áreas de ciências humanas, enfermagem e administração. Essa diferença quantitativa de trabalhos reflete a trajetória histórica dessas duas grandes capitais brasileiras. Rio de Janeiro e São Paulo possuíram os primeiros programas de pós-graduação do país; foi no Rio de Janeiro que surgiu a imprensa no Brasil e o Instituto Histórico Geográfico Nacional; além de serem sedes das grandes editoras.

No final da década de 80, início da década de 90, Florianópolis passa a adquirir uma representatividade nacional na produção acadêmica em relação aos estudos sobre as mulheres e aos estudos de gênero. Essa reconfiguração dos espaços detentores de autoridade discursiva sobre um determinado campo faz parte do contexto brasileiro desse período, que incentivou os estudos feministas e de gênero. A Fundação Ford, durante a década de 80, foi um dos grandes impulsionadores das pesquisas realizadas sobre os estudos das mulheres, e mesmo posteriormente

⁶ Para a execução dessa dissertação foi utilizada como fonte, principalmente, a Biblioteca Universitária da UFSC – fundada em 1964 – como referência das obras que circularam em Florianópolis entre os anos de 1960 e 1980 relativas às mulheres e aos feminismos. Entre os 126 livros encontrados, 39 foram publicações de editoras de São Paulo, 23 de editoras do Rio de Janeiro, 6 de Petrópolis, 4 de edições conjuntas entre Petrópolis e Rio de Janeiro, 1 entre a livraria paulista Nobel e o Ministério do Trabalho em Brasília, 34 publicações internacionais. Desta lista, 19 são de publicações de outras localidades brasileiras. Assim, retirando desta relação as traduções de obras internacionais, prevalece a produção nacional de livros de São Paulo e do estado do Rio de Janeiro.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

dos estudos de gênero, que representavam nessa época um campo ainda muito incipiente dentro das instituições universitárias. Administradas pela Fundação Chagas, a Fundação Ford concedeu bolsas para o desenvolvimento de pesquisas nessa área que resultou na formação de núcleos de pesquisas.

Concomitantemente, ocorre uma reformulação das formas de atuação do movimento feminista no Brasil. Os feminismos durante a Segunda Onda são caracterizados pelo contexto de ditadura militar e pela união das bandeiras feministas e da esquerda política. As conferências realizadas em torno das questões das mulheres, além do combate ao regime de exceção, fizeram com que os feminismos desse período fossem considerados mais atuantes e engajados politicamente. Já durante a década de 90 esse movimento passa a assumir espaços governamentais e atuar a partir de ONG's.

Segundo análise de Sônia Alvarez, durante a década de 90 ocorre um descentramento das práticas feministas no Brasil. Enquanto nas décadas de 70 e 80 ser feminista significava ter um enfoque nas políticas específicas das mulheres, pensar a opressão delas e promover a consciência dessa opressão; na década de 90 as fronteiras entre a prática feminista e não-feminista ficaram conturbadas. Segundo a autora, novas protagonistas passaram a reivindicar espaço no debate, como é o caso das feministas negras, das feministas lésbicas, das ecofeministas, entre várias outras identidades. Outro fator foi a multiplicação de espaços potenciais para a articulação de políticas feministas e uma reconfiguração das identidades feministas.⁷

Desta forma, o contexto social e o apoio internacional foram importantes na reformulação dos espaços de produção do conhecimento que tornaram possíveis a visibilidade de Florianópolis enquanto um centro de referência nos estudos das mulheres e de gênero. Contudo, outros fatores também auxiliaram nesse processo como a reunião de pesquisadoras e pesquisadores em núcleos formados nas instituições de ensino superior; a criação de uma editora voltada à temática – Editora Mulheres –; a realização de um encontro que assume caráter internacional – Fazendo Gênero – e a vinda de uma publicação com representatividade nos estudos de gênero e feminismo para Florianópolis – Revista Estudos Feministas.

Essa dissertação, embora centrada em Florianópolis, aponta para uma nova configuração nos estudos de gênero que não está mais centrada nos grandes centros, mas em localidades antes pouco referenciadas. Esse histórico demonstra que as relações entre os eixos de produção de conhecimento se reconfiguraram a partir do estabelecimento de novas formas de poder relacionadas à contextos geo-históricos. Assim, como a capital catarinense, outras instituições de ensino superior e núcleos

⁷ ALVAREZ, Sonia E. A “Globalização” dos Feminismos Latino-Americanos: tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: ALVAREZ E. Sonia. DAGNINO, Evelina. ESCOBAR, Arturo. Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos. Novas Leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.p.383-426.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

de pesquisa ocupam atualmente um espaço que não é mais periférico, e são referências nacionais ao tratarmos do tema.

O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), formado em 1983 e sediado na Universidade Federal da Bahia, é um dos exemplos de grupos que adquiriram representatividade nacional. Sua criação esteve vinculada ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais. Quando elevado ao nível de órgão suplementar em 2005, o NEIM criou um Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Recentemente o Núcleo criou o primeiro curso de graduação em gênero do país e possui como publicação o “Caderno Bahianas”.

Além do NEIM, o NEPEM – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher – sediado na Universidade Federal de Minas Gerais e o NEQUEM – Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Uberlândia – são exemplos de grupos que se destacaram nos estudos de gênero na atualidade e não estão sediados em grandes capitais brasileiras. Como último exemplo, podemos destacar a REDOR – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero – que agrupa uma série de núcleos de pesquisa de instituições de ensino superior.

A partir da análise das relações de Florianópolis com outras localidades brasileiras foi possível destacar dois momentos na produção do conhecimento sobre as mulheres, feminismos e estudos de gênero, demonstrando que a questão territorial e os contextos são elementos fundamentais para entendermos a história intelectual de um determinado grupo. Assim, a produção do conhecimento responde às/aos suas/seus agentes, a questões políticas, culturais e mesmo ao mercado, em um sistema geo-histórico que possibilita o trânsito do conhecimento.

Se em um primeiro momento São Paulo e Rio de Janeiro são centros de referência nacional sobre a temática, em décadas posteriores, algumas localidades sedes de núcleos, que em outros momentos não eram consideradas referência nos estudos de gênero e de mulheres, assumiram uma visibilidade nacional e criaram seus grupos de pesquisas e publicações próprias. Esse novo local dessas instituições é um terceiro lugar que não é o ocupado historicamente pelas metrópoles brasileiras, nem a periferia de décadas passadas. Surge assim uma nova configuração da produção do conhecimento sobre as mulheres e os estudos de gênero que não é mais centrado em apenas em uma região do país – no caso, o Sudeste.

As produções bibliográficas que abordam as relações e as migrações das teorias caracterizam a América Latina, assim como os países considerados de Terceiro Mundo de uma forma geral, como sendo o eixo Sul na produção do conhecimento. Nesse binarismo, o Norte é representado pela Europa e os Estados Unidos como centros teóricos. Entretanto esse eixo Sul,

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

qualificado como colonizado, não é homogêneo e responde a diferentes contextos sociais e políticos. Através de “passaportes para atravessar as diferenças coloniais” alguns textos cruzam territórios livremente e outros “ficam em casa”⁸, sem saírem de seus lugares de origem.

O estabelecimento de um eixo Norte/Sul do conhecimento, em um país que é considerado periférico como é o caso do Brasil, suscita questões em torno da produção do saber em outros países caracterizados como de Terceiro Mundo. Assim, que relações estiveram em jogo na produção dos saberes de países como a Argentina e o Uruguai? Pensando a partir de alguns países do Cone Sul, como terá migrado o conhecimento produzido no eixo Sul? Como teriam se dado as relações nas fronteiras territoriais que, assim como visto na dimensão brasileira, se reconfiguram a partir de diferentes contextos?

Se considerarmos que o conhecimento e as teorias viajam, viabilizados pela sua publicação e distribuição em diferentes contextos e sob as especificidades de seus agentes⁹, para além das dimensões globais dessas distribuições, a questão desta proposta de trabalho está centrada na viagem desse conhecimento pelas diferenças coloniais. Essas viagens de idéias têm relação direta com questões territoriais e políticas e é a partir disso que esse trabalho busca perceber os elementos históricos que possibilitaram algumas idéias cruzarem fronteiras enquanto outras permaneceram em seus locais de produção.

⁸ Cf. MIGNOLO, Walter D. Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais? As políticas e sensibilidades dos lugares geoistóricos. IN: MIGNOLO, Walter D. Histórias Locais/Projetos Globais:colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

⁹ COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução. Revista Estudos Feministas. vol.11, n.º 1/2003. p. 254-264.